

No início da vida, você não  
crianças a fazer as coisas  
trabalho de um dia para o dia  
de 25 anos de idade, você

alguma coisa que você  
É se eu quiser  
de que gostei

1995



REPORTAGEM ESPECIAL

# ENCARANDO OS MEUS DEMONIOS

POR SIMON BOUDA

Quando um repórter veterano foi para Papua-Nova Guiné cobrir a morte de nove pessoas na queda de um pequeno avião, teve de superar as feridas emocionais da infância e se aventurar num país que jurara nunca visitar.



# Q

Quando as notícias surgem, começo a pressentir. Passar quase vinte anos na redação do Canal Nove faz isso com a gente.

- Você pode pegar um avião hoje à noite para Papua-Nova Guiné?

- Claro - respondi, porém com hesitação. - O que aconteceu?

- Um avião caiu com um monte de australianos a bordo.

As providências foram tomadas, as passagens marcadas, e eu pensava na missão: Papua-Nova Guiné, um lugar que há algum tempo eu decidira ja-

mais visitar. Meu pai e meu avô morreram lá, portanto não é um lugar onde a minha linhagem masculina tenha sido bem-sucedida.

Meu avô, George Heads, era tenente-aviador da Real Força Aérea Australiana. Numa missão, durante a 2ª Guerra Mundial, pilotava um avião quando entrou numa nuvem e bateu na encosta de uma montanha perto da Baía de Milne. Não houve sobreviventes. Os destroços nunca foram encontrados. Seus restos mortais ainda estão em algum lugar lá em cima, na mata fechada. Ele tinha 33 anos.

Vamos avançar para abril de 1976, quando meu pai, Jerry Bouda, trabalhava como contador de uma cadeia de hotéis em Papua-Nova Guiné. Eu não via meu pai há uns dois anos. Meus pais se separaram quando eu era pequeno, mas, aos 14 anos, planejei pegar um avião em Sydney, na Austrália, para passar as férias escolares com ele em Mount Hagen, nas terras altas de Papua-Nova Guiné.

Uma semana antes da viagem, resolvi telefonar para lhe dizer o horário do voo. Cheio de empolgação, disquei o número que ele me mandara na última carta. Com a passagem na mão, ouvi o toque de ligação internacional depois da discagem.

- Aqui quem fala é Simon Bouda, posso falar com meu pai, Jerry?

A voz do outro lado da linha hesitou antes de dizer:

- Jerry não está mais aqui.

- Não está? - perguntei, confuso.

- Foi trabalhar em outro hotel?

- Não, fique na linha - responde-







ram. Outro homem atendeu ao telefone; seu inglês era um pouco melhor. Explicou que meu pai morrera dois dias antes. Sofrera um infarto enquanto tomava um uísque no fim do dia. Ele sempre apreciara seu uísque.

Não consegui dizer nada. Fiquei ali, num silêncio atordoado, enquanto o homem me dava os pêsames. Como filho único, de repente me senti muito só. Liguei para minha mãe e lhe contei o acontecido; apesar do desentendimento entre os dois, ela ficou desesperada – talvez por mim, talvez pelo meu pai, provavelmente por ambos.

Eu só sabia que um homem que não cheguei a conhecer tinha ido embora da minha vida. Nunca tive tamanha sensação de perda.

**À ESQUERDA: Simon Bouda com o cinegrafista Ben Williamson.**

**ACIMA: Owen Stanley Range, onde o pequeno avião caiu.**

## A tarefa a cumprir

No aeroporto de Sydney, veio o chamado para embarcar no voo QF502 para Brisbane, primeira escala da viagem para Port Moresby, capital de Papua-Nova Guiné. O cinegrafista Ben Williamson e o técnico de som Mitch Wall viajavam comigo.

Depois de recebida a tarefa, eu passara a noite em claro. Trinque os dentes, disse a mim mesmo. Encare os demônios, vença-os com o olhar.

A palma de minha mão suave quando embarcamos. Além das mi-





nhas reservas quanto a visitar um país que tirara a vida do meu pai e do meu avô, essa viagem também me impediria de comparecer ao aniversário de 14 anos do meu filho – coincidência que não me passou despercebida.

Como na maioria das reportagens que temos de fazer, não houve tempo de pensar em nada além do trabalho, que já era bem cheio de emoções.

Nove australianos tinham morrido no Twin Otter da Airlines PNG, todos adeptos da caminhada rústica e que iam a Kokoda seguir os passos dos seus ancestrais e de tantos outros. Mas o tempo sabidamente ruim e imprevisível forçou o piloto a desistir da primeira tentativa de pousar na pista de Kokoda. Na segunda tentativa, o avião entrou por uma nuvem e bateu na encosta da serra de Owen Stanley. Todos a bordo morreram.

**ACIMA: Bouda no Cemitério Bomana da Guerra, em Port Moresby, perto da lápide do avô, o tenente George Heads.**

Para fazer a reportagem, contratamos um piloto local. David Inau é o dono da Pacific Helicopters. Conhece aquela serra como a palma da mão; entende a sua beleza e respeita os seus perigos.

– Pode nos levar até o local do acidente? – perguntei.

– Sem problema – respondeu.

Para ele talvez fosse “sem problema”, mas àquela altura meus nervos já estavam à flor da pele. *Trinque os dentes e encare os demônios, vença-os com o olhar.*

O primeiro voo que fizemos seguiu a trilha de Kokoda. Enquanto olhava pela janela, não pude deixar de pen-



sar que os destroços do avião do meu avô talvez estivessem lá embaixo, engolidos pela mata fechada. Estou acostumado a voar; uso o helicóptero da reportagem pelo menos uma vez por semana. Mas voar ali me deixou arrepiado, e cada turbulência me fazia olhar nervoso para o piloto. A expressão calma do seu rosto me dava a tranquilidade necessária.

Depois de cinco dias de trabalho e vários voos, a redação de Sydney achou que já era hora de voltarmos; o serviço terminara. Mas, para mim, a missão estava longe de acabar.

Naquela noite, falei pelo telefone com Darren Wick, diretor de redação. “Wickie, tenho de lhe pedir um favor”, comecei. Depois de explicar que meu pai e meu avô estavam enterrados em algum lugar de Papua-Nova Guiné, pedi mais alguns dias para completar minha missão pessoal: encontrar os dois.

## **A viagem até meu avô**

Localizar o cenotáfio do meu avô foi relativamente fácil. Após ligar para minha mãe e meu tio, fui encaminhado ao Cemitério Bomana da Guerra, nos arredores de Port Moresby.

É um dos lugares mais bonitos que já vi. Cerca de 4 mil lápides de mármore recordam a morte dos soldados aliados durante o conflito. As lápides se aninham em jardins muito bem cuidados. Era realmente espetacular.

Numa das pontas do cemitério há um pequeno abrigo. Lá dentro, há um armário também pequeno com o registro das lápides, uma pequena história

# **Eu olhava para baixo no helicóptero e pensava se os restos mortais do meu avô estariam lá.**

das batalhas em Papua-Nova Guiné e um livro de visitas. Escrevi meu nome e uma palavra: “Espetacular.” Não havia mais nada a dizer. O registro dizia: HEADS, tenente, GEORGE, 400027. Real Força Aérea Australiana. 7 de junho de 1944. 33 anos. Filho de George Michael Heads e Verena Annie Heads (née Cary). A3. D.20.

E lá fui eu, seguindo em linha reta até a fila onde estava a lápide do tenente George Heads. Ali, entre milhares de outras, a encontrei. Meus olhos se encheram de lágrimas – não me pergunte por quê.

Não sei explicar. Talvez fosse a quase exaustão de cinco dias de trabalho difícil e cansativo. O mais provável é que fosse a pura emoção de estar finalmente tão perto de um vínculo tangível com o avô que eu não conheci. Pus a câmera para trabalhar e tirei fotografias de todos os ângulos possíveis.

Eu não estava sozinho. Caminhando entre as lápides, havia um grupo de



soldados australianos que pareciam tomados pela solenidade daquele monumento pungente. É um lugar onde podemos passar horas andando, lendo o nome dos que perderam a vida defendendo o nosso litoral.

Olhei para a esquerda e espiei o outro lado da rua. Lá, à vista da lápide de George, estavam as traves do gol de um campo de rúgbi. Engraçado como são as coisas. Meu tio Ian Heads, filho de George, é um jornalista esportivo especializado em rúgbi.

Emocionalmente exausto, saí do cemitério e fui até o Alto Comissariado australiano. Eles já estavam acostumados comigo, porque estive em várias entrevistas coletivas durante a cobertura do acidente de avião. Expliquei que queria ir até Mount Hagen para localizar o túmulo de meu pai.

- Tome cuidado - aconselharam.  
- Mount Hagen não é um lugar muito seguro. Telefone antes para arranjar carro e motorista.

Foi um conselho inestimável. No hotel, liguei para a locadora Avis de Mount Hagen. Eu já marcara a passa-

**Alguns túmulos estavam trancados à chave, mas a maioria estava em ruínas.**

gem para o dia seguinte, no voo que saía às 8h45 de Port Moresby.

- Não, senhor, sinto muito, não temos carros disponíveis para amanhã - me disseram.

- O senhor não poderia dar um jeito? - perguntei, e expliquei minha missão.

- Não se preocupe, senhor - veio a resposta, depois de uma pausa. - Eu dou um jeito.

## **A viagem até meu pai**

O voo PX 0180 da Air Nuigini pousou em Mount Hagen às 9h45. Enquanto atravessava a pista rumo ao terminal, fiquei me perguntando se não estaria perdendo tempo; não fazia ideia de por onde começar.

Arrastado pela multidão, consegui chegar até o balcão da Avis, no minúsculo saguão de desembarque. Lá, encontrei Solomon Wokolon, gerente da filial de Mount Hagen.

- Seja bem-vindo - disse, com um sorriso luminoso. - Venha comigo.

- Não preciso assinar o contrato de locação do carro?

- Não, não, venha comigo - disse ele, para me tranquilizar.

- E o motorista?

- Isso não é problema. Vou levar o senhor no meu carro.

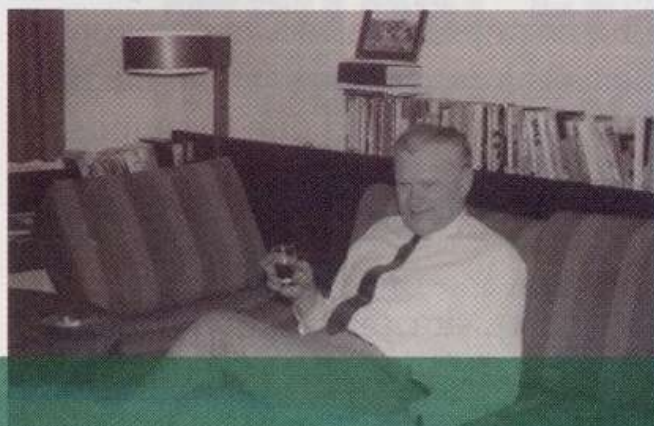
Solomon explicou que gostaria de me ajudar na minha missão. Perdera o pai recentemente.

- Para onde? - perguntou, enquanto eu embarcava numa picape com janelas gradeadas.

Boa pergunta.

No início da década de 1980, um





**EM SENTIDO HORÁRIO, DA ESQUERDA: Jerry Bouda, pai de Simon; Jerry com Simon bebê, em 1962; Jerry, como Simon se lembra dele, nos anos 1970. Jerry morreu em Papua-Nova Guiné, em 1976, uma semana antes de Simon ir visitá-lo.**

policia amigo meu, transferido temporariamente para a Real Polícia Militar de Papua-Nova Guiné, tentara encontrar para mim o túmulo de meu pai. A investigação e os registros oficiais o levaram até o Cemitério Público de Mount Hagen, mas lá a pista se perdeu. Ele tinha certeza de que ali era o lugar.

– Pode me levar até a repartição de registro civil do governo? – perguntei.

Meu plano era conferir o lugar onde ficavam guardados os registros de nascimentos, mortes e casamentos; talvez lá houvesse a informação de onde fora o enterro.

– Sinto muito – explicou Solomon –, os *raskols* puseram fogo.

Em Papua-Nova Guiné, *raskols* são

valentões jovens e violentos, abundantes em Mount Hagen.

– Acho que é melhor irmos ao cemitério público.

Pouco depois, paramos numa rua esburacada. Do outro lado de uma vala havia um terreno que lembrava um cemitério. Dizer que era tosco é ser gentil. Alguns túmulos eram visivelmente bem cuidados; estavam cercados e trancados à chave. A maioria estava em ruínas. Antigamente, algumas lápides ostentavam placas de bronze gravadas com os dados do falecido. Tinham sido roubadas, provavelmente vendidas pelo peso do metal.

Começamos a perambular, tentando encontrar lápides com datas. O chão estava coberto de lixo e embalagens



de preservativos. Não sei por quê, mas achei que o túmulo de meu pai estaria marcado com uma lápide. Eu levava no bolso um retrato de Karin, minha mulher, e nossos dois filhos, Erin e Max.

**Meu plano era** deixá-lo no túmulo de meu pai, para lhe apresentar os netos que não conhecera. Mas, depois de uma hora procurando, não encontramos nenhum vestígio, nada. Bastante desanimado, sugeri que fôssemos até o Hotel Mount Hagen.

- Ainda existe? - perguntei a Solomon.

- Existe, sim, mas mudou de nome.

Cruzar Mount Hagen é uma experiência e tanto. A maioria dos prédios é pesadamente fortificada, principalmente os hotéis preferidos pelos turistas. Ao chegar ao hotel que já fora o Mount Hagen, passamos pela guarita de segurança, e, quando olhei para os lados, não pude deixar de notar o arame farpado no alto dos muros. O hotel era uma fortaleza.

Lá dentro, porém, era tudo muito bonito. Lagunhos, jardins, quartos modestos e um escritório junto ao bar, onde o meu pai morreu.

Esperava encontrar alguém que, 33 anos depois, pudesse se lembrar do meu pai. Seria pedir muito? Conversamos com a jovem recepcionista e expliquei o que estava investigando. Ela pediu que esperássemos enquanto consultava o gerente.

- Não, senhor, desculpe, mas ninguém trabalha aqui há tanto tempo.

O tempo estava se esgotando. Eram quase 11h30 da manhã, e o voo de volta

a Port Moresby estava marcado para as três da tarde. E agora?

Quando saímos do hotel, paramos, e Solomon conversou em *tok pisin* com o segurança. Ele parecia ter mais ou menos a minha idade e devia ser adolescente quando meu pai trabalhara lá.

- Acho que me lembro de Jerry - disse ele. - Eu era garoto, mas acho que me lembro dele... Era um bom homem.

- Sabe como morreu ou onde está enterrado? - perguntei, e Solomon traduziu.

- Não, eu era novo demais.

Parecia um beco sem saída.

- E agora, para onde? - perguntou Solomon.

Eu não fazia ideia.

- Por que não tentamos o velho clube de boliche? - sugeri. - Minha mulher trabalha lá; se ele foi sócio, talvez haja algum registro.

Ficava ali pertinho. Como o hotel, o clube de boliche era todo murado, com arame farpado e grandes portões. A repartição de registro civil incendiada ficava ao lado.

Apesar de todo o seu empenho, a mulher de Solomon nada descobriu; o arquivo não ia até aquela época. Chegamos a verificar até a estante de troféus, para ver se meu pai ganhara alguma coisa. Nada.

Quase sem esperança, pedi que fôssemos ao centro da cidade. Como já estávamos lá, peguei a câmera e comecei a tirar fotos; pelo menos teria algumas imagens da cidade onde meu pai morrera tantos anos atrás.

- Que tal o cemitério católico? - sugeri Solomon.



## **Eu esperava achar alguém que, 33 anos depois, se lembraria do meu pai. Era pedir muito?**

O cemitério católico é muito mais bem tratado que o cemitério público. Pelo menos a maioria dos túmulos está marcada e as lápides e placas, intactas. Durante quase uma hora andamos entre os túmulos, novamente sem nada encontrar. Quando voltamos à picape de Solomon, o celular dele tocou. Ele falou em *tok pisin*; não entendi nada do que foi dito. Mas, depois de desligar, ele me olhou e sorriu.

- Era minha mulher - disse. - Ela achou alguém que sabe de uma pessoa que talvez tenha conhecido seu pai. - Logo depois, paramos diante de uma casinha decrépita nos arredores de Mount Hagen.

Esperei nervoso no carro enquanto Solomon entrava. Um grupo de homens estava sentado na frente da casa, jogando cartas e mascando noz de bétule. Nenhum deles me olhou. Pouco depois, Solomon voltou com um homem de boné e camisa de flanela fina.

- Simon, este é Roy Kumbi - disse.

- Muito prazer, Sr. Kumbi - disse eu, apertando-lhe a mão. - Não sei se o senhor pode ajudar, mas procuro alguém que tenha conhecido meu pai, Jerry Bouda.

- Jerry! - exclamou ele. - Jerry era o meu melhor amigo... Ele morreu nos meus braços.

Meu Deus! Tudo ferveu dentro de mim, e só faltou eu desmaiar nos braços dele.

Escutei uma mulher que assistia à cena começar a chorar também.

- Conte o que aconteceu.

Roy explicou que meu pai terminara o serviço do dia e se sentara

no bar do hotel para tomar um drinque, convidando Roy a se juntar a ele. Mas Roy ainda tinha trabalho a fazer e disse que iria dali a pouco.

Depois de tomar a primeira dose de uísque, meu pai caiu do banquinho. Um faxineiro correu até Roy e disse que havia algo de errado. Roy foi correndo, gritou para alguém chamar um médico e apoiou no colo a cabeça do meu pai. Foi ali que ele deu o último suspiro.

Dizer que fiquei espantado ao ouvir esse relato não transmite a intensidade da minha emoção.

- Sabe onde ele está enterrado? - perguntei.

- Sei - respondeu Roy. - Fui eu que o enterrei.

- Pode me levar até lá?

Quando entramos na picape, alguns dos outros homens da casa subiram na caçamba. Depois de um rápido percurso, voltamos ao cemitério público, onde, três horas antes, eu começara a procurar.

- É aqui - disse Roy. Enquanto su-





**Bouda e Roy Kumbi, o homem que amparou seu pai na hora da morte 33 anos antes, próximo às covas no cemitério público.**

bíamos a encosta, seguidos por um grupo que parecia crescer, Roy apontou quatro montes de terra.

– É um desses – disse. – Sinto muito, mas não consigo lembrar qual é, já faz muito tempo.

Não importava. Eu sabia que meu pai estava ali. Finalmente, o encontrara.

Não só encontrara meu pai como também o seu “anjo da guarda”, o homem que o embalara na hora da morte. Agradei muitíssimo a Roy e pedi para ficar um pouco sozinho. Todos voltaram à picape.

De repente, fiquei só na encosta, sentado no meio de quatro montes de terra, sabendo que agora, 33 anos depois, estava perto do meu pai.

Não havia onde deixar a foto da minha família, mas isso não importava. Fiquei quase uma hora sentado lá, só conversando com meu pai. Os moradores locais devem ter achado que eu era um branco maluco. Mas, pela primeira vez, consegui lhe falar da minha vida e da minha linda família – e, o mais importante, finalmente pude lhe dizer adeus.

Todos falam de desfecho, conclusão, mas, para mim, a busca do lugar de descanso final de meu pai e de meu avô foi mais do que isso. Para mim, foi finalmente me sentir completo.

## ATENÇÃO, MENINAS!

**“Os homens que têm** orelhas furadas estão mais preparados para o casamento: além de já terem experimentado a dor, têm o costume de comprar joias.”

*Rita Rudner, comedianta*